



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

APROXIMAÇÕES ENTRE JEAN PIAGET E PAULO FREIRE: O CONCEITO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA E DE AUTONOMIA COMO POTENCIALIZADORES DE PROCESSOS DIALÉTICOS DE ENSINO

Eliane Paganini da Silva_ Autor 1

elian_ps@hotmail.com_ Autor 1

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)_ Autor 1

Brasil_ Autor 1

Franciele Clara Peloso_ Autor 2

clara@utfpr.edu.br_ Autor 2

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)_ Autor 2

Brasil_ Autor 2



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma discussão a respeito de dois conceitos distintos: o conceito de tomada de consciência de Jean Piaget e o conceito de autonomia de Paulo Freire. Considerando as particularidades de pensamento e foco de conhecimento dos dois autores, entendemos que esses conceitos se aproximam em muito e nos permitem compreender as atividades de ensino a partir de um processo dialético no sentido de considerar a ação do próprio sujeito e a importância de um ensino que considere tal ação. Tendo como ponto de partida tais conceitos o educador pode ir além de um ensino “tradicional” de caráter repetitivo e unidirecional sendo possível proporcionar uma educação que não reproduza o “status quo” de forma literal. Trata-se de um estudo teórico realizado a partir do estudo das obras dos autores supracitados e a análise de autores específicos do campo do trabalho docente e da didática. Nossos resultados demonstraram que para que possamos ter um ensino que considere a ação e a atividade do sujeito (no sentido de processo dialético) os processos de tomada de consciência e de autonomia são fundamentais. O conceito de tomada de consciência é um processo cognitivo pelo qual o indivíduo percebe que suas ações materiais progridem para uma conceituação. Quando somos capazes de resolver problemas, do ponto de vista das ações, não significa que temos consciência de como realizamos estas ações. A tomada de consciência ocorre quando é possível explicar em termos conceituais o como e o porquê das ações. Da mesma forma, na obra de Paulo Freire podemos encontrar distintos conceitos que nos auxiliam no entendimento sociopolítico dos processos de ensino, bem como na superação de relações opressoras que se enraizaram historicamente no âmbito da relação professor-aluno. O conceito de autonomia é um dos conceitos centrais na teoria freiriana. Para Freire a autonomia é a capacidade que as pessoas têm de se libertarem das cadeias do determinismo e reconhecerem que a história é um tempo de possibilidade. Todo processo de autonomia é necessariamente processo de construção de consciência nos sujeitos e exige uma reflexão crítica e prática. O discurso precisa estar alinhado à sua aplicação, de forma consciente (é uma escolha). A autonomia é, sobretudo, um processo de decisão e de humanização construída historicamente, a partir de várias decisões tomadas ao longo da experiência de cada pessoa. Tendo em vista os dois conceitos, dos dois teóricos distintos podemos realizar uma aproximação no sentido de compreender o ensino como um processo dialético e democrático, que possua relações negociadas e não impositivas, em que os sujeitos do processo sejam protagonistas e que tenham como produto um processo de conscientização.

Palavras-Chave: Tomada de consciencia e autonomia; Jean Piaget e Paulo Freire; Processos dialéticos de ensino.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This paper aims to discuss two distinct concepts: Jean Piaget's concept of awareness and Paulo Freire's concept of autonomy. Considering the particularities of thought and knowledge focus of the two authors, we understand that these concepts come very close and allow us to understand the teaching activities from a dialectical process in order to consider the subject's own action and the importance of a teaching that consider such action. Starting from such concepts, the educator can go beyond a "traditional" teaching based on a repetitive and unidirectional nature, thus it can provide an education that does not reproduce the status quo literally. This is a theoretical study based on the research of the works of the authors mentioned above and the analysis of specific authors on the field of teaching and didactic work. Our results demonstrated that in order for us to have an education that considers the action and activity of the subject (in the sense of a dialectical process) Piagetian processes of self-awareness and autonomy are fundamental. The concept of awareness is a cognitive process by which the subject realizes that his material actions progress to a conceptualization. When we are able to solve problems, from the point of view of actions, it does not mean that we are aware of how we perform these actions. Awareness happens when it is possible to explain conceptually the way and the reasons that led us to take these actions. In the same way, in Paulo Freire's work we can find different concepts that help us in the socio-political understanding of the teaching processes, as well as in overcoming oppressive relationships that have historically taken root within the teacher-student relationship. The concept of autonomy is one of the central concepts in Paulo Freire's theory. For Freire, autonomy is the ability people acquire that allow them to set free from the chains of determinism and to recognize that history is a time of possibility. Every process of autonomy is necessarily a process of awareness building in the subjects and requires a critical and practical reflection. Speech must be consciously aligned with its application (it is a choice). Autonomy is, above all, a process of decision and humanization that has been historically built, based on several decisions taken throughout the experience of each person. Considering the two concepts from these two different theorists, we can make an approach in a way to understand the teaching as a dialectic and democratic process, which has negotiated relations instead of authoritative ones, where the subjects of the process are protagonists and where they have awareness as a product from this process.

Palavras chave

Tomada de consciencia e autonomia; Jean Piaget e Paulo Freire; Processos dialéticos de ensino.

Keywords

Consciousness and autonomy; Jean Piaget and Paulo Freire; Dialectical processes of teaching.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Este trabalho tem por objetivo realizar uma discussão a respeito de dois conceitos distintos: o conceito de tomada de consciência de Jean Piaget e o conceito de autonomia de Paulo Freire.

Somos duas professoras/educadoras do Ensino Superior. Duas professoras que ministram a disciplina de Didática para cursos de Licenciatura. Uma de perspectiva piagetiana, outra de perspectiva freiriana. Nossas aproximações se dão ao compartilhar a mesma disciplina, num primeiro momento em uma mesma Universidade e num segundo momento em Universidades diferentes.

Nossos estudos se desenvolveram em circunstâncias e com objetivos diferentes. Uma estudando especificamente a obra de Piaget e sua utilização nos processos de construção da identidade docente. A outra estudando especificamente a obra de Freire e sua reinvenção nos processos de educação da infância. Ao nos aproximarmos iniciamos o diálogo sobre as matrizes teóricas de ambos intelectuais e percebemos a intersecção de nossos estudos: a utilização das duas correntes pedagógicas no âmbito dos processos de ensino com o intuito de transformação social.

Ao considerar as particularidades de pensamento e foco de conhecimento dos dois autores, entendemos que esses conceitos se aproximam em muito e nos permitem compreender as atividades de ensino a partir de um processo dialético no sentido de considerar a ação do próprio sujeito e a importância de um ensino que considere tal ação.

Trata-se de um estudo inicial, teórico e realizado a partir da análise das obras dos autores supracitados, bem como da compreensão de aspectos específicos presentes em obras que abordam o conteúdo do campo do trabalho docente e da didática.

A obra de Piaget expõe vários conceitos relevantes para compreender os processos cognitivos acerca do desenvolvimento humano, além disso nos auxilia a interpretar e rever critérios e modelos epistemológicos relacionados ao campo da didática e do ensino de forma geral.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Da mesma forma, na obra de Paulo Freire podemos encontrar distintos conceitos que nos auxiliam no entendimento sociopolítico dos processos de ensino, bem como na superação de relações opressoras que se enraizaram historicamente no âmbito da relação docente-discente

Tendo em vista a obra desses dois teóricos podemos realizar uma aproximação dos conceitos de tomada de consciência e de autonomia no sentido de compreender o ensino como um processo dialético e democrático, que possua relações negociadas e não impositivas, em que os sujeitos do processo sejam protagonistas e que tenham como produto um processo de conscientização.

Nesse sentido, o texto está organizado da seguinte forma. De início apresentamos o pensamento de Jean Piaget e evidenciamos seus conceitos de tomada de consciência e de autonomia, seguido do conceito de autonomia em Paulo Freire. Na sequência realizamos uma reflexão acerca da intersecção dos conceitos apresentados e sua relação com possíveis processos didáticos. Por fim, nas considerações finais evidenciamos os destaques do texto.

II. Marco teórico/marco conceptual

Dois serão nossos marcos teóricos: **os conceitos de tomada de consciência e autonomia moral em Jean Piaget** e o **conceito de autonomía em Paulo Freire**.

No que diz respeito a **teoria psicogenética** elaborada pelo suíço Jean Piaget podemos definir desenvolvimento como a gênese do conhecimento e esta obedece a processos de construção e reconstrução contínuos por parte do indivíduo. A aprendizagem é um processo dialógico e interacionista, em que não apenas reproduzimos ou descobrimos algo, mas sim, construímos estruturas cognitivas acerca dos conhecimentos e do mundo. Cabe lembrar que na teoria piagetiana os processos de desenvolvimento e apropriação de conhecimento sustentam a relação ensino-aprendizagem.

Antes de adentrarmos nos conceitos teóricos que embasarão esse texto considerando Jean Piaget, cabe com a intenção de diminuir possíveis interpretações equivocadas, explicitar



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

alguns pontos sobre o nosso entendimento da teoria piagetiana. Alguns teóricos questionam a teoria de Piaget e sua capacidade de entendimento dialógico acerca dos processos de desenvolvimento e as relações sociais implícitas em tais processos. Entretanto, em nosso entendimento e apoiados por Becker (1993) isso não está correto, tendo em vista que para Piaget “tudo o que se tem dito a respeito da importância da prática, em sua relação dialética com a teoria, é reconhecido por Piaget” (Becker, 1993, p. 17). O autor afirma que Piaget, em sua obra “O nascimento da inteligência”, de 1936, expõe que:

O sujeito epistêmico é constituído num processo radicalmente histórico, tendo como ponto de partida a organização biológica dada na bagagem hereditária. O sujeito é sujeito na medida em que é sujeito histórico. É sujeito histórico na medida em que “traduz” sua organização biológica pelas ações próprias da cultura na qual vive. Esta é a condição do sujeito humano em geral e a do sujeito epistêmico em particular. (Becker, 1993, p. 17).

Para Becker (1993), Piaget é responsável por fornecer uma das melhores fundamentações “para fazer-se uma psicologia histórico-social crítica ou uma sociologia do conhecimento” (p. 17). É portanto, com esse olhar acerca da teoria de Jean Piaget que explicitaremos os conceitos de tomada de consciência e autonomia moral, para assim compreender o campo pedagógico.

Quando pensamos no processo de tomada de consciência é importante destacar que com relação à evolução das ações e aos níveis de conhecimento, Piaget (1978) ressalta que as ações por si só são saberes que, mesmo inconscientes, constituem-se na fonte para a tomada de consciência conceituada. Relata certa defasagem cronológica para os níveis de tomada de consciência lembrando que estes são sucessivos e hierárquicos (segundo Piaget, rigorosamente hierarquizados).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O **primeiro nível** se constitui como o nível da ação, em que existe, sim, um saber elaborado, só que escapa à consciência do sujeito. O **segundo nível** é o da representação e conceituação, em que se tira elementos da ação (mediante tomadas de consciência), mas o conceito comporta tudo o que é novo. O **terceiro** e último **nível** é o da abstração refletida, em que as operações novas são formuladas sobre as anteriores; estas abstrações são realizadas a partir do nível precedente. A tomada de consciência obedece a alguns graus de consciência, sendo o primeiro deles o que está ligado estritamente às ações, o segundo aos conceitos e estes são atingidos tomando como base as ações anteriores (do nível I) e, finalmente, o terceiro, em que ocorre uma abstração refletida. Neste nível, o indivíduo, além de conceituar, também reflete sobre os próprios conceitos e faz uso destes para a realização das ações.

Em seu livro “Problemas de Psicología Genética”, Piaget (1973) compara o processo de tomada de consciência ao conceito de inconsciente afetivo utilizado pela Psicanálise.

O autor explica que, nos processos afetivos, o indivíduo é mais ou menos consciente, e o mecanismo íntimo é inconsciente, por isso o indivíduo não conhece as razões, nem a fonte, nem o porquê de sua intensidade; todo esse sistema complexo é o que se chama **inconsciente afetivo**.

Segundo Piaget, são as estruturas que determinam o que o indivíduo é capaz ou não de fazer, sendo o pensamento dirigido por essas estruturas desconhecidas pelo indivíduo. O autor chama esse processo de **inconsciente cognitivo**. “O inconsciente cognitivo consiste assim num conjunto de estruturas e de funcionamentos ignorados pelo indivíduo, exceto em seus resultados” (Piaget, 1973, p. 35), ou seja, o inconsciente cognitivo compõe-se de estruturas e funcionamento dos quais o indivíduo conhece apenas os resultados, mas não o mecanismo íntimo que os dirige (meios e razões). O indivíduo não toma consciência do como e do porquê obteve tal ou qual resultado e as estruturas que o levam a determinado resultado continuam inconscientes. Após exemplificar a esse respeito, Piaget conclui:



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Mas o indivíduo mesmo não sabe que construiu tal estrutura e acredita raciocinar da mesma maneira. Ele sabe ainda menos sobre o que se apóia essa estrutura (“agrupamento” de relações), nem como ou porque ela se tornou necessária para ele: numa palavra, ele tem consciência dos resultados que obtém, mas não **dos mecanismos íntimos que transformaram seu pensamento**, as estruturas dele permanecem inconscientes como estruturas. São esses mecanismos como estruturas que chamaremos globalmente o inconsciente cognitivo (Piaget, 1973, p. 36-7, grifos nossos).

Segundo Piaget, mesmo no pensamento científico existe a inconsciência e a tomada de consciência que se dá aos poucos, diríamos gradativamente; o autor chega a citar exemplos de grandes descobertas científicas e pensadores em que a tomada de consciência a respeito de determinadas relações não acontece de uma só vez e imediatamente, efetivando-se com o tempo.

Piaget percebeu em seus estudos sobre a tomada de consciência que, apesar de a criança saber executar a ação e até mesmo obter êxito, são necessários vários anos para que ela tome consciência do que vem realizando. A esse respeito Piaget afirma que isto ocorre pelo fato de que a criança possui algumas idéias pré-concebidas a respeito do que leva à realização de sua ação de tal ou qual forma e isto impede que o indivíduo perceba corretamente o que o leva aos resultados obtidos. Isto significa que a criança “compreendeu seu essencial, mas *em ação* e não pelo pensamento, logo por esquemas sensório-motores e não representativos” (Piaget, 1973, p. 39, grifos do autor).

Uma das dificuldades que o indivíduo tem de tomar consciência de sua ação realizada em forma de representação é porque os conceitos representativos se chocam com certas idéias conscientes anteriores.

A tomada de consciência



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

consiste em fazer passar alguns elementos de um plano inferior inconsciente a um plano superior consciente, e que esses dois estágios não possam ser idênticos [...] A tomada de consciência constitui pois uma reconstrução no plano superior do que já está organizado, mas de outra maneira, no plano inferior (Piaget, 1973, p. 41).

Referindo-se à tomada de consciência de Piaget, Becker (2001, p. 40) explica que “o sujeito, após um conjunto de ações qualquer, dobra-se sobre si mesmo e apreende os mecanismos dessa ação própria. Tomada de consciência é, pois, apreensão dos mecanismos da própria ação”. Isto significa que a tomada de consciência se dá a partir de ações praticadas de cujos mecanismos os sujeitos se apropriam, ocorrendo, portanto, crescimento cognitivo.

Para Piaget os processos de aquisição da autonomia se dão por tomadas de consciencia. Em 1932, Piaget escreve “O Juízo Moral na Criança”, com a tentativa de investigar o pensamento infantil relacionado aos juízos morais. Nesse sentido, Piaget (1994) ressalta os processos de evolução para se atingir a autonomia com relação a prática e a consciência das regras, ou seja, quais os processos que levam o pensamento de relações heteronomas, ligada à coação, à relações autonomas, ligada a cooperação. A autonomia surge quando a criança percebe que é necessário haver veracidade “nas relações de simpatia e respeito mútuo. A reciprocidade parece, neste caso, ser fato de autonomia” (p. 155). Este processo, porém, depende das relações com os outros. Podemos entrever, portanto, neste processo de conquista da autonomia quatro fases: A anomia, a heteronomia, a semi-autonomia e a autonomia. A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado (Piaget, 1994).

No que se refere a teoria de **Paulo Freire** é possível encontrar elementos que inauguram um projeto educativo pautado pela ação dialógica que se sustenta pela compreensão dos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

contextos sócio históricos, pela valorização dos saberes, das experiências e ainda pela busca esperançosa e comprometida pela transformação das realidades excludentes, opressoras, preconceituosas e violentas. Encontramos em Freire a possibilidade teórico-prática de emancipação, de dar sentido e significado ao estar no mundo, que sugere a autonomia e a autoria como experiência de humanização.

No ano de 1968, Paulo Freire escreveu sua obra de maior repercussão: “Pedagogia do Oprimido”, que foi lançada, primeiramente, em inglês e espanhol em 1970. Esta obra faz referencia os mecanismos opressores presentes na educação, os quais servem diretamente ao sistema capitalista e propunha um método abrangente, pelo qual as pessoas podem se humanizar através da palavra, considerada cultura conscientizadora e politizadora.

De maneira geral, podemos dizer que a Pedagogia Freiriana traz em seu bojo um projeto de ação-reflexão-ação sobre e na realidade sócio-histórica. De acordo com Scocuglia (2001); Torres (1998), entre outros, é uma proposta educativa de profunda análise político-cultural, na qual o maior objetivo é a libertação pela via da humanização e da compreensão crítica do funcionamento estrutural do mundo.

Para Freire (2005) as pessoas são seres relacionais, estabelecem essa relação em um tempo, um espaço, um universo natural e sociocultural. Nesta perspectiva, está associado o entendimento que Freire tinha do ser humano na sua busca do *ser mais*. Freire entendia o ser humano, como inconcluso, inacabado e por isso acreditava na sua capacidade de agir com autonomia diante do mundo, de esperar, de querer conhecer, de *ser mais*. Estes aspectos estão associados à questão de que os seres humanos estão no mundo, com o mundo e com os outros, ou seja, o ser humano se faz inconcluso à medida que reconhece a sua historicidade, que está associada aos condicionantes sociais e culturais.

Para Freire (2005) a humanização das pessoas é condição de ser e estar no mundo, com o mundo e as outras pessoas; é vocação ontológica, é *ser mais* – ato consciente de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

existir e de saber-se inacabado e o seu conceito de autonomia está diretamente ligado ao ato consciente de existir e de saber-se inacabado.

Ainda, na mesma linha de pensamento, Freire afirma que o inacabamento do ser humano, ou a sua incompletude é próprio da experiência vital. Freire (1996) salientou que a vida se torna existência à medida que o corpo humano vai se tornando corpo consciente, apreendedor, transformador, criador de beleza e não espaço vazio a ser enchido por conteúdos. Assim, a existência, ainda segundo Freire, envolve, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos.

Freire (1996) inferiu que mais que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença capaz de pensar a si mesma, de se saber presença, capaz de intervir, de transformar, de falar do que faz, do que sonha; que é capaz de constatar, comparar, avaliar, valorar, decidir, de romper, entre outros aspectos. Este tornar-se presença se dá à medida que o ser humano vai assumindo o seu tempo com lucidez e entende a história como possibilidade.

O conceito de autonomia é um dos conceitos centrais na teoria freiriana. Para Freire (1996) a autonomía se constituiu, sobretudo, a partir da consciência do inacabamento. Os processos de tomada de decisão são fundantes da autonomía. Para o autor a autonomia é a capacidade que as pessoas têm de se libertarem das cadeias do determinismo e reconhecerem que a história é um tempo de possibilidade. Todo processo de autonomia é necessariamente processo de construção de consciência nos sujeitos e exige uma reflexão crítica e prática. O discurso precisa estar alinhado à sua aplicação, de forma consciente (é uma escolha). A autonomia é, sobretudo, um processo de decisão e de humanização construída historicamente, a partir de várias decisões tomadas ao longo da experiência de cada pessoa.

III. Metodologia

Este trabalho teve como objetivo realizar uma discussão a respeito de dois conceitos distintos: o conceito de tomada de consciência de Jean Piaget e o conceito de autonomia



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de Paulo Freire. A intenção é desvelar que tais conceitos são fundamentais para que possamos ter um ensino que considere mais a ação e a atividade dos alunos e menos a mera repetição de conteúdos e conhecimentos.

Foram nossas indagações os seguintes questionamentos:

- O conceito de tomada de consciência e de autonomia de Jean Piaget se aproxima do conceito de autonomía proposto por Paulo Freire?
- Como esses conceitos podem contribuir para novas propostas pedagógicas para o trabalho docente?

Trata-se de um estudo teórico realizado a partir da análise das obras dos autores supracitados e de autores específicos do campo do trabalho docente e da didática.

Para compor esse estudo utilizamos como obras centrais:

- Pedagogia do Oprimido (2005), de Paulo Freire;
- Pedagogia da Autonomia (1996), de Paulo Freire.
- A tomada de consciência (1978), de Jean Piaget.
- O Juízo Moral na criança (1994), Jean Piaget.

IV. Análise e discussão

Procuramos discutir aqui as possíveis relações didáticas sob a ótica dos referidos conceitos e autores supracitados. Levando a cabo a teoria de Piaget podemos dizer que trabalhos em grupo e atividades que incentivem o “*self government*” (*governar a si mesmo*) seriam estratégias mais adequadas e contextualizadas com os resultados de suas descobertas sobre a psicologia da criança.

Considerando a pedagogia Freiriana podemos destacar um processo educativo pautado em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, com vistas a experiência da liberdade.

Entendemos que a identidade, a autonomia e a prática pedagógica necessitam de resignificação no contexto contemporâneo. Muitos pesquisadores vem indicando a necessidade de os professores superarem um modelo educacional que se baseia e se



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

preocupa apenas, ou principalmente, em dar aulas. (Arroyo, 2014; Delval, 2002; Becker, 2009; dentre outros). Compreendemos que tanto Piaget quanto Freire nos dão essa possibilidade de ressignificação das práticas se suas teorias forem estudadas de forma aprofundada e levadas à prática de forma coerente (teoria e prática).

Arroyo (2014) explicita essa visão como aquela que incorpora o termo aulista, definido por ele dessa forma:

O termo aulista é a síntese: passar a matéria a tempo completo, sem outras atividades que nos desvirtuem dessa função nos tempos de aula. Uma exigência totalitária dirigida aos professores, que vinha de uma concepção conteudista do currículo (p. 25).

É evidente a importância do trabalho e seu espaço de formação das identidades; pois muitas vezes o que identifica o professor enquanto pertencente à profissão docente é o dar aulas. Entretanto, a que se superar essa perspectiva como única e fundamental. é no convívio com os alunos, com a comunidade, com um novo modelo de sociedade (que vem se transformando nas últimas décadas), com diferentes movimentos sociais que a prática é construída dia-a-dia.

No contexto brasileiro, é nesse ínterim que o professor vive um conflito identitário que segundo Arroyo (2014) se resume em: continuar suas aulas com o propósito de propor o “domínio de competências” ou mostrar a quantificação dos resultados por meios de avaliações internas e externas, propostas pelo sistema educacional e político; ou lutar para redefinir ou refletir sobre uma nova identidade, uma identidade que considere a voz dos educandos, que considere uma educação que dê direito à “formação, socialização, aprendizado dos saberes, dos valores, da cultura, das identidades”; ou seja, um professor mais aberto e plural. (p. 26).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Essa construção de novas identidades profissionais por parte dos professores só é possível na medida em que os docentes tomem consciencia, no sentido piagetiano, ou seja autônomos no sentido freiriano para refletir e ressignificar esse processo.

Quando entendemos e realizamos as aproximações teóricas necessárias dos conceitos de Piaget e Paulo Freire percebemos o quanto suas perspectivas contribuem para pensar uma prática pedagógica ressignificada, com uma perspectiva que supera a de um professor aulista.

Segundo a teoria de Piaget podemos afirmar que é da essência da democracia substituir o respeito unilateral da autoridade pelo respeito mútuo das vontades autônomas. Logo, o problema é saber o que preparará melhor a criança para sua futura tarefa de cidadão. É o hábito da disciplina exterior adquirido sob a influência do respeito unilateral e da coação adulta, ou é o hábito da disciplina interior, do respeito mútuo e do *self-government*? (Piaget, 1994, p. 270).

Além disso, Piaget (1994) afirma que é

[...] inacreditável que, numa época em que as ideias democráticas penetram por toda parte, as tenhamos utilizado tão pouco como instrumentos pedagógicos. Quando contatamos a resistência sistemática dos alunos ao método autoritário e a admirável engenhosidade empregada pelas crianças de todas as regiões para escapar à coação disciplinar, não podemos abster-nos de considerar como defeituoso um sistema que desperdiça tantas energias em lugar de empregá-las na cooperação (Piaget, 1994, p. 271).

Segundo Piaget (1994), não há perda de tempo em deixar com que as crianças adquiram por si próprias os hábitos de disciplina e que isto ocorre quando há um interesse por parte da criança para realizar o que deseja. Segundo o autor, os resultados da escola ativa mostram como esses feitos deram bons resultados.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entretanto, quando Piaget defende uma educação democrática não significa uma educação que deixe as crianças sem nenhuma orientação, pois é preciso, sim, uma vida social organizada para se atingir a disciplina, só que “é possível fundar, sem despotismo nem coação esta vida social” (Piaget, 1994, p. 273).

Para superar essa condição de professor aulista, Freire (2005) propõe a **educação problematizadora**. Essa educação se caracteriza principalmente por se pautar no diálogo e na busca pelo desenvolvimento responsável e autónomo dos envolvidos no processo. Implica na negação do ser humano abstrato, desligado do mundo, fora de contexto. E, também negação do mundo como realidade sem sujeitos. O que se propõe é um profundo processo reflexivo sobre a relação em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não é consciência no mundo, mas consciência e mundo.

A partir do refletir autêntico, as pessoas conseguem se perceber como parte do mundo e voltar a sua reflexão sobre a sua própria percepção. Daí que os conteúdos propostos na prática de educação libertadora oportunizam que os educandos desenvolvam a sua capacidade de compreensão do mundo e de suas relações com o mundo, não como algo estático, mas como uma realidade em processo de transformação.

Freire é insistente ao afirmar que é no reconhecimento da inconclusão que se funda a educação como processo permanente. Para Freire (1996) os seres humanos se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Mais que isso, assevera que a vida está intrinsecamente conectada ao inacabamento. Esta concepção de Freire nos permite afirmar que o ser humano, por ser inconcluso, é um ser de desejo, que anseia por liberdade, é aberto às experiências no mundo, com o mundo e com os outros, por isso é sujeito político e social. Um ser que se faz histórico por assumir a sua vocação ontológica na medida em que age no mundo para transformá-lo. Um ser que desenvolve responsabilidade ética.

Para Freire (1996) a responsabilidade **ética** no exercício da ação docente é condição necessária para a prática formadora e transformadora. Para o autor na ética está expressa a natureza da prática educativa. De acordo com Peloso (2017) quando Freire (1996)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

trata da questão de formação de professores, ele salienta a necessidade uma formação docente pautada pela ética. A ética que Freire se refere faz menção ao reconhecimento da inconclusão e da historicidade de cada sujeito envolvido no processo educativo.

V. Considerações finais

Este estudo objetivou realizar uma discussão a respeito de dois conceitos distintos: o conceito de tomada de consciência de Jean Piaget e o conceito de autonomia de Paulo Freire, isso com vistas a pensar a utilização das duas correntes pedagógicas no âmbito dos processos de ensino. Para tanto apresentamos de forma sucinta o pensamento de Jean Piaget e evidenciamos seus conceitos de tomada de consciência e de autonomía. Da mesma forma, apresentamos do conceito de autonomia em Paulo Freire. Na sequência realizamos uma reflexão acerca da intersecção dos conceitos apresentados e sua relação com possíveis processos didáticos.

Frente ao exposto podemos depreender do apresentado que, ambos os teóricos defendem que o ensino deve acontecer a partir de processos dinâmicos, que considerem a realidade dos estudantes. Nesse sentido, tanto Piaget quanto Freire se colocam contrários as concepções de ensino e aprendizagem decorrentes da perspectiva liberal tradicional e enfatizam a necessidade de construir processos de ensino que estimulem a liberdade, a tomada de decisão, a consciência e a autonomía.

As reflexões provenientes deste estudo representam posicionamentos epistemológicos e políticos-ideológicos que permitem contribuir para redimensionamento da práxis pedagógica relativa aos processos educativos. O redimensionamento a que nos referimos faz menção à possibilidade de criação de outras práticas pedagógicas que considerem os sujeitos em sua integralidade, ou seja, sujeitos históricos, que são presença no mundo, capazes de autoria, autonomía e diálogo. Sujeitos capazes de agir sobre o mundo para transformá-lo. Da mesma forma, acreditamos em uma escola que atue no sentido de potencializar as pessoas para a vida em sociedade, a partir de processos inclusivos, críticos, tolerantes e humanizados.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Arroyo, M. (2014). *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes.
- Becker, F. (1993). *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. (2. ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Becker, F. (2001). *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Becker, F. (2010). *O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Delval, J. (2002). O método clínico de Piaget. In: Delval, J. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Peloso, F. C. A Didática nos cursos de licenciatura: uma experiência a partir dos postulados freirianos. In: Junges, K. dos S.; Paganini-da-Silva, E.; Schena, V. A. (Orgs.) (2017). *Formação docente: tendências, saberes e práticas*. Curitiba: CRV.
- Piaget, J. (1973). *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense.
- Piaget, J. (1978). *A tomada de consciência*. São Paulo: Melhoramentos.
- Piaget, J. (1994). *O Juízo Moral na criança*. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus. (Obra original publicada 1932).
- Scocuglia, A. C. (2001). A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. In: Carlos A. T. (Org.). *Paulo Freire e a agenda da educação latino-americana no século XXI*. Buenos Aires: CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais. v. 1, p. 323-348.
- Torres, C. A. (1998). A pedagogia política de Paulo Freire. In: Apple, M.; Nóvoa, A. (Orgs). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Portugal: Porto. p. 47-68.